

## MÚSICA E MEMÓRIAS NAS FOLIAS DE COLINAS DO SUL-GO

Elicene Alves Martins<sup>1</sup>

**Resumo:** O objetivo desta comunicação é interpretar memórias de antigos moradores da cidade de Colinas do Sul – GO acerca das Folias do Divino Espírito Santo e de Nossa Senhora do Rosário, que culminam na peculiar festa da Caçada da Rainha, promovidas nesta localidade. Para tanto, utilizaremos os relatos dos senhores Luiz da Silva Coelho e Paulo da Silva Coelho, que não somente muito contribuíram com o processo de criação do município, como também atuaram decisivamente, durante décadas, na função de guias das Folias. Partindo de seus relatos, buscou-se investigar os sentidos e a importância da música na configuração da identidade sociocultural e da religiosidade em Colinas do Sul. Nossa hipótese é que, nas Folias aí promovidas, a música atua como fator primordial de interligação entre os pertencimentos socioculturais e a devoção mediatizada pelas simbologias cristãs; em paralelo, postula-se que tal fazer musical tem seu aprendizado desenvolvido na vivência cotidiana das Folias, sendo transmitido de geração em geração.

**Palavras-chave:** Memória; música; folia; Caçada da Rainha; Colinas do Sul.

A cidade de Colinas do Sul está situada ao nordeste do estado de Goiás, a 450 km de Goiânia e a 270 km de Brasília. Ela está localizada entre o Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros e o lago da Usina Hidroelétrica de Serra da Mesa. O município abriga em suas terras uma riqueza natural exuberante, com cachoeiras e lagoas de águas termais e cristalinas, bem como uma cultura local riquíssima, que pode ser remetida aos tempos coloniais. Com a chegada dos bandeirantes no centro-oeste goiano, parcela dos índios que habitavam o cerrado, atingidos pela ocupação das terras para produção agropastoril, acabaram deslocados para pequenas vilas que iam se formando, onde a presença afrodescendente era utilizada como mão-de-obra.



Fig. 1 - RPPN – Reserva Particular Permanente Natural Cachoeira das Pedras Bonitas.<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Graduada em Música - Licenciatura, pela Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP, com experiência em educação musical. Atualmente leciona como professora particular de piano e leciona a disciplina Teoria Musical no projeto C.A.S.A - Centro de Assistência Social de Amarantina. E-mail: elicene.martins@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Cachoeira das Pedras Bonitas. Imagem disponível em: <<http://static.panoramio.com/photos/large/8187916.jpg>>. Acesso em: 5 de nov. 2017.

Um segundo e importantíssimo aspecto a compor o cenário sócio-histórico-cultural de Colinas do Sul encontra-se nos festejos da folia, prática cultural-religiosa híbrida, que mescla, de forma criativa e por vezes tensional, elementos oriundos dos diferentes grupos que se defrontaram na região - indígenas, africanos e seus descendentes, distintas levas de imigrantes europeus, geralmente portugueses, ou ainda gerações deles nascidas já no Brasil:

[...] a Folia de Reis teria sido introduzida no Brasil no século XVI, como instrumento pedagógico dos jesuítas, como crença divina para catequizar os índios e logo depois, os escravos. A Folia de Reis brasileira foi composta pelas manifestações culturais de etnias e povos diferentes, com diversas variações regionais com relação ao estilo, ao ritmo e ao som, contudo mantendo sempre a crença e devoção ao Menino Jesus, a São José, à Virgem Maria e aos Reis Magos (ALVES, 2009, p. 4).

Logo, indiscutivelmente vinculadas ao imaginário cristão, as folias mais conhecidas nas terras lusitanas e seus domínios coloniais eram associadas à celebração dos Reis Magos, em janeiro, e do Divino Espírito Santo, que geralmente recai entre o mês de julho a agosto. As folias exprimem e atualizam, em seus percursos, algumas narrativas bíblicas (a peregrinação dos Reis Magos ao encontro do Menino Jesus; a ida dos cristãos a Jerusalém após a Ressurreição, a espera da manifestação do Espírito Santo), sendo acompanhadas por cânticos executados por diferentes instrumentos.

A folia realizada na cidade de Colinas do Sul porta a particularidade de celebrar o Divino (Espírito Santo) de forma conjunta ao culto de Nossa Senhora do Rosário.<sup>3</sup> Ali, esta festa ocorre na primeira quinzena do mês de julho, culminando, por sua vez, em um evento culturalmente inédito, denominado na região como “Caçada da Rainha”.



Fig. 2 – Cavalcada na Caçada da Rainha.<sup>4</sup>

3 Enquanto a Igreja Católica celebra a festa do Divino, liturgicamente denominada “Pentecostes”, em calendário móvel geralmente alocado no mês de junho, a festa de Nossa Senhora do Rosário tem data fixada em 7 de outubro.

4 Olho Filmes: início da caçada da Rainha. Imagem disponível em: <<http://www.olhoetnofilmes.com/festa-da-f?lightbox=imageju9>>. Acesso em: 6 de nov. 2017.

Trata-se de um ritual de origem afro-brasileira, comportando a realização de um trajeto de 11 dias a cavalo, em que dois grupos percorrem a região, convidando as pessoas para a festa e para o batuque. O ápice da festa acontece um dia após o encerramento das folias, quando *batuqueiras*, foliões e curiosos celebram até a chegada da rainha. Ritmos populares como o batuque e o lundu<sup>5</sup> – um dos mais antigos da cultura brasileira, com raízes na cultura africana – fazem parte do festejo. A folia do Divino Espírito Santo e de Nossa Senhora do Rosário, conjunta à Caçada da Rainha, consiste em uma manifestação cultural emblemática de Colinas do Sul, que emergiu muito antes da emancipação político-administrativa do município, ocorrida em 1 de junho de 1989.



Fig. 3 – Batuqueira equilibrando uma garrafa de licor de Jenipapo durante a Caçada da Rainha.<sup>6</sup>

Tanto as folias como a Caçada da Rainha dependem fundamentalmente da música para acontecerem. As canções sagradas como os *Benditos de Mesa* e as *Modas*, assim como as profanas, a exemplos das *Curralêras* e das *Carolinas*, e até mesmo os percursos promovidos pelos devotos, precisam ser acompanhados por instrumentos como a viola, o pandeiro artesanal de couro e a *caixa*. É sob a mediação destes instrumentos que as palavras santas são proferidas e que, depois de encontrada a rainha, é realizado um *batuque* em sua homenagem. O elemento mais importante deste batuque é um grande instrumento chamado “onça”, que consiste em uma enorme cuíca, que ao ser tocada produz um som semelhante à de um rugido de onça, daí o nome. Além da “onça”, também são utilizados pandeiros de couros artesanais e a *caixa*, que se assemelha ao bombo, um tambor de Maracatu de Recife, porém de proporções bem menores.

Esta pesquisa dedicou-se a reconstituir os sentidos e a importância da música na folia do Divino e do Rosário, incluindo-se a Caçada da Rainha, a partir das memórias de dois

5 LIMA, Edilson V. O enigma do lundu. *Revista Brasileira de Música*, Rio de Janeiro, Escola de Música. Universidade Federal do Rio de Janeiro, v. 23, n. 2, 2010.

6 Batuqueira, *Encontro de Culturas da Chapada dos Veadeiros*. Imagem disponível em: <[http://www.encontrodeculturas.com.br/images/galerias/224/thumbnails/3992\\_224\\_Cacada%20da%20Rainha%20-%20Fredox%20\(30\)\\_800x600.jpg](http://www.encontrodeculturas.com.br/images/galerias/224/thumbnails/3992_224_Cacada%20da%20Rainha%20-%20Fredox%20(30)_800x600.jpg)>. Acesso em: 6 de nov. 2017.

protagonistas desta festa em Colinas do Sul, os anciãos Paulo da Silva Coelho e Luiz da Silva Coelho. Considera-se, em paralelo, que privilegiando a perspectiva das memórias, esta pesquisa justifique sua realização tanto em termos acadêmicos como político-sociais. Afinal, as manifestações culturais locais carregam consigo saberes próprios, que muitas vezes são perdidos, e nas culturas ditas “populares” não é diferente. Muitas vezes, as matrizes dos saberes, dos conhecimentos práticos, ficam a cargo de uma só pessoa, que os reserva até sua morte, compartilhando-os apenas com aqueles que fazem parte de um restrito grupo cultural:

Mas a memória rema contra a maré; o meio urbano afasta as pessoas que já não se visitam, faltam os companheiros que sustentavam as lembranças e já se dispersaram. Daí a importância da coletividade no suporte da memória. Quando as vozes das testemunhas se dispersam, se apagam, nós ficamos sem guia para percorrer os caminhos da nossa história mais recente: quem nos conduzirá em suas bifurcações e atalhos? Fica-nos a história oficial: em vez da envolvente trama tecida à nossa frente, só nos resta virar a página de um livro, unívoco testemunho do passado (BOSI, 2003, p. 200).

As tradições referentes às folias e à Caçada da Rainha em Colinas do Sul também passam por esse processo: são saberes orais, musicais, rituais não codificados em textos, e que vão desaparecendo com o falecimento dos antigos moradores. Pensando, portanto, na valorização e na apropriação dialógica dessa tradição é que surgiu a proposta desta pesquisa. Ela se soma ao esforço já promovido pela cientista social Geronei da Silva Coelho Melo, filha do senhor Paulo Coelho, que realizou um trabalho de cunho antropológico, junto ao instituto IPHAN, cuja temática foi à festa da Caçada da Rainha. O presente trabalho, na esteira do desenvolvido por ela, almeja, assim, contribuir para que tais memórias sejam ainda mais compartilhadas entre aqueles que de alguma maneira fazem parte das folias e da Caçada, e mesmo entre os que ainda não as conhecem.

Para tanto, este estudo buscou aporte teórico na abordagem de memória inicialmente desenvolvida no Brasil por Ecléia Bossi, principalmente em seu livro *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. A autora afirma que seu estudo não se configura como uma “[...] obra com proposta de amostragem: o intuito que me levou a empreendê-la foi registrar a voz e, através dela, a vida e o pensamento de seres que já trabalharam por seus contemporâneos e por nós” (BOSI, 1995, p. 37). Trata-se de memórias que “[...] irrompem e invadem a cena pública, buscam reconhecimento, visibilidade e articulação, respondendo, provavelmente, a uma necessidade que a racionalidade histórica é impotente para exprimir e atualizando no presente vivências remotas (revisitadas, silenciadas, recalçadas ou esquecidas) que se projetam em direção ao futuro” (SEIXAS, 2004, p. 53). Destaca-se, aqui, a dimensão ética e afetiva da memória: “a historiografia em seus caminhos tem enfatizado o lado “interessado” e mesmo utilitário da memória (a memória entendida como reconstrução, apropriação e/ou manipulação do passado), mas deixa de lado seu compromisso espontâneo e muitas vezes

não consciente com a ação, inscrito em seu próprio movimento” (*Ibidem*, p. 53). Não é casual, portanto, que Ecléa Bosi tenha se dedicado a escutar de narrar as memórias dos idosos – segundo ela, é desse vínculo compartilhado entre sujeitos com um passado que lhes suscita pertencimento e expectativa de futuro que “se extrai a força para formação de identidade” (BOSI, 2003, p. 16).

Já em termos de fundamentação antropológico-cultural, o autor de referência desta pesquisa foi Carlos Rodrigues Brandão, com seus escritos sobre diversas companhias, grupos e comitivas de folias não só de Goiás como também de Minas e São Paulo. A folia, para Brandão é um ato simbólico de profunda constituição identitária:

[...] através de gestos simbólicos não se visa a um “resultado produtivo”, material, mas a uma troca, a uma intercomunicação entre pessoas, ou entre pessoas e seres naturais ou sobrenaturais em que elas creem, através de palavras, de condutas regidas por saberes e preceitos. Gestos vividos entre preces, cantos, danças, pequenas dramatizações, jogos, brincadeiras, festejos, ritos, rituais, celebrações, enfim.

Sendo realizadas através do trabalho de algumas pessoas (às vezes um duro e penoso trabalho, mas sempre se diz que “o melhor da festa é esperar por ela”), as nossas festas populares do campo e da cidade são imagens do que mulheres e homens fazem juntos quando se reúnem, numa quebra do cotidiano, para compartilhar algo, para conviver, rememorar, celebrar, festejar, honrar um deus, um santo ou alguma pessoa, enfim, comemorar algo: “festar” (BRANDÃO, 2007, p. 44-45).

Memórias e práticas simbólicas mostram-se, portanto, indissociáveis na folia de Colinas do Sul, constituindo um elemento imprescindível para a identidade da imensa maioria dos moradores da localidade. Essa memória, que simultaneamente é musical, religiosa e cultural, apresenta-se, portanto, como uma linguagem, e “carrega consigo todos os valores e contradições ligados a esta realidade” (LIMA, 2017, p. 185). No caso, trata-se de uma linguagem profundamente perpassada de sacralidade:

Como toda experiência humana, ela também tende à comunicação e à socialização. Precisa ‘ser dita’; daí tantos caminhos para realizá-la. O itinerário desde a experiência do sagrado até sua manifestação múltipla é o que faz o *homo religiosus*; o inverso, que parte das expressões religiosas e vai até sua intensão e origem, é o caminho feito pelo estudioso. Daí o nome de ‘fenomenologia da religião’, essa classe de análise que vai dos testemunhos (os fenômenos) até sua fonte geradora. (CROATTO, 2010, p.9).



Em síntese, a proposta deste trabalho foi a de reconstituir memórias acerca da musicalidade das folias em Colinas do Sul, mediante um diálogo entre narrativas orais e pesquisa acadêmica. Hoje, o município conta com pouco mais de 3.000 moradores, muitos dos quais tendem a deixar a pequena cidadezinha e partir para as capitais ou para outros estados buscando uma formação superior. Comigo não foi diferente. Sou sul-colinense e os motivos que me fizeram deixar para trás família e amigos foram similares. Mas, de forma concomitante, sou “filha da folia”, trago em minhas raízes pessoas que ajudaram a construir essa linda história e juntamente com elas e com os senhores Paulo e Luiz é que me dispus a interpretar o fazer musical dessa festa permeada de fé e encantos. Foi através das memórias desses dois anciãos que os sentidos da folia do Divino e de Nossa Senhora do Rosário e da Caçada da Rainha de Colinas do Sul, em sua interrelação com a música e religiosidade, foram por mim investigados.

De forma específica, ao buscar entender a maneira pela qual a música opera e significa na folia de Colinas do Sul, pude ratificar a compreensão de que, “no caso da música, o “modo” como a arte dos sons é elaborada e socialmente compartilhada por sujeitos sociais específicos será fundamental para haja processos comunicacionais” (LIMA, 2017, p. 186). Conclui-se, assim que a música é produtora de intersubjetividade, de identidades compartilhadas, potencializando, simultaneamente, releituras do passado, práticas presentes, e inovadoras expectativas de futuro.



Fig. 4 – A autora desta monografia com os foliões de Colinas do Sul, 2017. Acervo pessoal.

## REFERÊNCIAS:

### *Obras de referência:*

DICIONÁRIO GROVE DE MÚSICA: edição concisa/editado por Stanley Sadie. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

### *Obras gerais:*

ALVES, Aroldo Cândido. Folia de Reis: Tradição e Identidade em Goiás. II Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em História. *Anais...* 2009. Disponível em: <[https://pos.historia.ufg.br/up/113/o/IISPHist09\\_AroldoCand.pdf](https://pos.historia.ufg.br/up/113/o/IISPHist09_AroldoCand.pdf)> . Acesso em: 7 nov. 2009.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: Lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

\_\_\_\_\_. *Tempo vivo da memória*. São Paulo: Ateliê, 2003.

CROATTO, José Severino. *As Linguagens da Experiência Religiosa: Uma Introdução à Fenomenologia da Religião*. São Paulo: Paulinas, 2010.

IPHAN. *Caçada da Rainha: a festa da Fé*. Brasília, 2007.

LIMA, Edilson Vicente. Música e Linguagem: o limiar da dimensão Poética. In: BUSCACIO, Cesar; MELO, Edésio de Lara; BUARQUE, Virgínia. *Música e Interdisciplinaridade: ensino-aprendizagem, memórias e linguagens*. Ouro Preto: Edufop, 2017. E-book. Disponível em: <file:///C:/Users/Lika/Downloads/E-book%20-%2024%20de%20junho.pdf> . Acesso em 20 set. 2017.

\_\_\_\_\_. *O enigma do Lundu*. In Revista Brasileira de Música, Escola de Música. Universidade Federal do Rio de Janeiro, v. 23/2, 2010.

MELO, Geronei da Silva Coelho. *Caçada da Rainha em Colinas do Sul – GO: Cultura e Identidade*. Goiânia, 2004.

SEIXAS, Jacy Alves de. Percursos de memórias em terras de história: problemáticas atuais. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (Org.). *Memória e (res) sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

Sites:

*Cachoeira das Pedras Bonitas*. Imagem disponível em: <<http://static.panoramio.com/photos/large/8187916.jpg>>. Acesso em 05 de nov. de 2017.

*Batuqueira, Encontro de Culturas da Chapada dos Veadeiros*. Imagem disponível em: <[http://www.encontrodeculturas.com.br/images/galerias/224/thumbnails/3992\\_224\\_Cacada%20da%20Rainha%20-%20Fredox%20\(30\)\\_800x600.jpg](http://www.encontrodeculturas.com.br/images/galerias/224/thumbnails/3992_224_Cacada%20da%20Rainha%20-%20Fredox%20(30)_800x600.jpg)>. Acesso em 06 de nov. de 2017.

*Olho Filmes: início da caçada da Rainha*. Imagem disponível em: <<http://www.olhoetnofilmes.com/festa-da-f?-lightbox=imageju9>>. Acesso em 06 de nov.

*Folia de Colinas do Sul*. Imagem disponível em: <[https://2.bp.blogspot.com/-wx1\\_egq\\_Qws/VZLeo7Ch6ZI/AAAAAAAAAG2I/T0ewNLk2Tlc/s1600/Cacada\\_da\\_Rainha\\_GO\\_foto\\_de\\_Marcelo\\_Scaranari.jpg](https://2.bp.blogspot.com/-wx1_egq_Qws/VZLeo7Ch6ZI/AAAAAAAAAG2I/T0ewNLk2Tlc/s1600/Cacada_da_Rainha_GO_foto_de_Marcelo_Scaranari.jpg)>. Acesso em 31 out. 2017.

*Folia de Colinas do Sul, 2007*. Imagem disponível em: <[http://www.encontrodeculturas.com.br/2007/media/IMG\\_7479.jpg](http://www.encontrodeculturas.com.br/2007/media/IMG_7479.jpg)>. Acesso em 31 out. 2017.